

AQUI, LÁ E EM TODO LUGAR<sup>1</sup>

André Luiz Rodrigues Bezerra

Dennis Emanuel Xaxá da Silva

Ellis Regina Albuquerque de Souza

Hanna Taísa da Silva Pereira

Jailson Araújo Carvalho

Mariclécia Bezerra de Araújo

Roberson de Sousa Nunes

Uiliete Márcia Silva de Mendonça Pereira

DOI 10.21680/2595-4024.2023v6n1ID34296

Tatear<sup>2</sup>

Presença aqui ou lá? Casa ou computador? Na frente ou distante? Como nossos corpos lidaram com as aulas remotas de teatro? Este é um ponto para refletir. Mas refletir em meio à ação.

O tempo como matéria, contestado na sua lógica produtiva pelo freio da pandemia, gritando VIDA, ganha novas configurações, fazer mais, unir casa e trabalho, refletir enquanto faz. O aqui e agora se tornaram todo e qualquer lugar.

---

<sup>1</sup> Este texto coletivo foi escrito no terceiro encontro do Grupo de Conversa 7 do II Colóquio Internacional Poéticas do Aprender (II CIPA), promovido pelo Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), que aconteceu de 8 a 12 de novembro de 2021, em formato remoto, em torno do tema: "(im)possibilidades do teatro na escola em tempos de pandemia".

<sup>2</sup> Cores de fontes, tracejados, tamanhos distintos de fontes, pedaços em branco que se encontram aqui registrados são resultado do processo criativo deste texto, não são erros, são errâncias.

Por mais que o nosso corpo esteja em um quarto, a nossa presença alcançou lugares inimagináveis através das telas, das fibras e ondas corre-mundo.

Para saber o que foi e o que pode ser (im)possível naquele mundo empandemiado, foi preciso construir junto com quem esteve implicado no que foi/é/será a aula remota, foi preciso uma arqueologia e invenção dos sentidos e afetos remotos. Corpos livres, afetados, conectados, presos e ao mesmo tempo livres... criativos e limitados. Tivemos que destampar a mente que ferve, ver o que nela cozinha e o que nela apodrece para dialogar com o mundo ansioso, com o mundo agitado, com o mundo que nos ensinaram que não pode parar.

Não há como deixar o corpo preso, sem fazer alguma coisa. A criação é nosso elemento de pesquisa e de ação. Mesmo à distância, mesmo na tela, no texto escrito que viaja, no áudio compartilhado, foi preciso dizer: aqui há mãos de chamar-junto e braços de acolher para que sigamos juntos na humanidade que precede, atravessa e projeta os currículos e projetos político-pedagógicos das escolas.

Por onde sua voz andou? O que entrou e o que saiu na/da sua casa quando você abriu a câmera? Quem você conhece pelo avatar, mas nunca ouviu a voz? A virtualidade abriu novos horizontes para que pudéssemos refletir e enxergar novas formas de presença.

Que presenças são essas? Voz. Corpo. Tecnologia. Após estas experiências virtuais e da *não localidade*, como será a volta a uma sala de ensaio? Como estaremos para receber a/o outra/outro? É preciso acreditar na convivência como uma forma de crescimento. O virtual não substitui o "real". É outra coisa. Uma ampliação de possibilidades que não excluem as outras.

Para quem *não foi à escola*, para quem a *escola não pode ir*, para quem foi em fragmentos, para quem a transmissão de dados se deu de forma absolutamente-estranhamente apagada no silêncio da banda... com vozes saltando pelo conteúdo, pela aula, pelo vácuo das transmissões, como saber se vocês estão nos ouvindo? Vocês nos ouvem? Vocês ouvem bem o porquê não

estarmos aqui? Gente, vocês ouvem quantas escolas vivem sobre o que é (im)possível?

Vou sair e volto quando a conexão deixar, quando o celular chegar, quando a gente se ver no ano que vem, quando tudo isso passar se eu não passar.

Andar/ saltar

Para o teatro, o que fica? O teatro presencial tem cheiro. Seria o virtual uma outra presença mediada pela tecnologia? O teatro virtual tem presenças esticadas além-terra, tem como habitar como artista na casa do outro por uma janela aberta no espaço projetado pela tela, tem como voar mundo para outros fusos e para chegar em resquícios de presença. Tem mil cheiros. Em tempos pandêmicos, o teatro se reinventou e atravessou os limites das (im)possibilidades. Ele nos ajudou a redescobrir a magia cênica em telas, em virtualidades interativas, e mais do que reproduzir produtos, ele nos mostrou formas de nos afetarmos pelas experiências vividas em tempos de um relevo de inconcebíveis mortes. Experiências que se criam no insterstício entre corpos ausentes e corpos presentes.

As (im)possibilidades do teatro em tempos de pandemia são aprender a se reinventar e experimentar e experienciar algo novo, com paciência, abertura e crítica. A vivência pandêmica trouxe muitas questões que estavam adormecidas na sociedade como o lidar com a solidão; não ter controle sobre a situação; não poder estar próximo das pessoas a quem se sente apreço; e, também, revelou pontos políticos como a desigualdade social através de variadas maneiras, por exemplo, exibiu, através de imagens de alta resolução escolas precarizadas por políticas públicas de desinvestimento, sem fôlego para reagir a uma crise de tamanha proporção, quando se encontravam sem água, energia ou com estruturas comprometidas, sem parque tecnológico atualizado ou equipe completa.

O teatro como um processo de criação coletivo para diversos grupos e artistas teve de aprender mais sobre como pode ser um processo de criação

solitário. Solidão como auto conhecimento. Solidão como busca de si. Solidão como se entregar para o outro. Os processos de composição para uma cena com estudantes nos (im)possíveis remotos passaram a assumir cada vez mais esta voz, interferindo na casa, nos fluxos das famílias, das rotinas domésticas, das responsabilidades diárias, e nas práticas compartilhadas por tela, ou solitárias, vividas por cada um, a reiteração de aspectos emocionais da solidão, do luto, da desesperança, da raiva, emergindo da vida com suas poéticas nas presenças e ausências da sala de aula virtual.

Na solidão dos isolamentos nascem mais que flores, porque é perceptível a necessidade de compreender as mudanças que o caos instala ao ser imposto. Jovens trancafiados em universos isolados (quando podem trancafiar-se e não tem que inventar para si um remoto isolamento em um cômodo compartilhado), em momentos que só são pensados à distância (quando podem ficar distantes e não são, de fato, excluídos do contato com a escola pela ausência de meios das duas partes para chegarem uma a outra). As sensações de que está tudo longe, não importa de onde se pense a experiência. Olhando para este longe, a que distância estamos? Por isso que os processos de composição simplesmente renascem, se refazem em cenas e se mostram presentes pela vontade de estar presente.

## Atravessar

Ao refletir sobre as diversas presenças evidenciadas nos processos de aprendizagem durante o ensino remoto, nos indagamos sobre as possibilidades de um corpo atuante se fazer presente virtualmente nas telas dessa platéia. Porque sentimos que essa presença, algo tão fundamental na prática teatral, se imprime em um corpo fantasmagórico, com uma voz fantasmagórica, que performa para uma plateia fantasmagórica. Um corpo-voz que mesmo em ausência ocupa e

preenche esse espaço cênico definido pelas fronteiras de um aparelho tecnológico.

O corpo-voz do ator, do performer, que divaga pelas redes, mas que está ancorado em um corpo-voz circunscrito no espaço real, presente, no aqui e agora, em estado de prontidão, mesmo distante, faz teatro para aqueles protegidos na segurança de suas casas. E por que não explorar essas presencialidades no ambiente escolar? Como transformar uma sala de estar, quarto ou cozinha em um espaço cênico virtual? Quais metodologias e poéticas podemos utilizar para que crianças e adolescentes desenvolvam uma presença fantasmagórica, para que ocupem e botem a brincar os limites das formas? É preciso pensar assim no desfazimento: na arte de desfazer o teatro e permitir que o corpo molecularizado dele se espalhe para afetar o outro.

[...] Como se sabe, a lagarta envolta pela crisálida começa por destruir seu organismo de larva, à exceção do seu sistema nervoso. Esse trabalho de autodestruição é ao mesmo tempo, um trabalho de autocriação de onde emerge um novo ser, outro, e, entretanto, com a mesma identidade. (MORIN, 2006, p. 13)

Assim, nesse esforço de desfazimento, metamórfico, indicamos as (im)possibilidades de compor com os limites, ocupar os limites, mas ao mesmo tempo se questionar se os graus de presença distintos e estranhos no virtual não se destacam por serem evidentemente diferenciados, enquanto estes mesmos graus de distância, de afastamento, de fechamento são deixados à parte, tomados como normais, na presença dita real dos corpos em sala de aula.

Quantos alunos na sala de aula lotada e presencial estão *presentes*? Quantas poéticas de presença são pensadas com afinco quando os corpos estão *naturalmente* juntos? O fantasmagórico do corpo virtual pode ser, nos possíveis

no teatro, presença expandida, presença intensa. Talvez nossa consideração falhe aí, ao presumirmos a comparação, forçados que somos pela situação, sem enxergar, na verdade, que são fluxos que podem ser habitados e afetados, ao mesmo tempo que habitam e afetam, de formas próprias e particulares, sem coalescerem em suas potências singulares e não equivalentes.

## Bagunçar

Assim, é interessante pensar em como o teatro, a partir da ausência de seu aspecto convivial, deixa brechas para que no improvável das restrições apareçam outros diálogos, que, embora distintos, na qualidade da abordagem que propõe, não deixam de ser caminhos vivos de aprendizagem. A ideia de unir o espaço do rádio com a poética do teatro, ou os filtros e telas animadas das plataformas virtuais, ou os textos e atividades impressas que trocam de mão, com as figurinhas, filtros e lives, para tocar os alunos na pandemia, desloca a percepção sobre os recursos didáticos possíveis, mas, para além disso, expande as possibilidades de contato/encontro com o teatro enquanto esta coisa de fazer poesia, de fazer mundo, de fazer conviver e de fazer delicadeza.

Alcançaríamos aqui, aquele valor que tento pouco a pouco definir sob o nome de “delicadeza” (palavra um tanto provocadora no mundo atual). Delicadeza seria: distância e cuidado, ausência de peso na relação, e, entretanto, calor intenso dessa relação (BARTHES, 2013, p. 260).

Experienciar (im)possibilidades corpóreas em tempos pandêmicos nos leva a refletir sobre corpos presentes *versus* corpos ausentes na sala de aula remota. Esta presença de si, presença de outro, presença de todos pode transformar (metamorficamente?) o lugar virtual em um espaço de criação cênica. Quem está

do outro lado da tela? Que rostos se colocaram presente ou ausente nas experimentações teatrais?

Essa presencialidade remota modifica a maneira de se colocar em aula, de refletir aspectos teóricos e práticos, além de nos levar a encontros afetivos que atravessam os outros e nos atravessam. E ao mesmo tempo não atravessa quem se colocou (foi colocado?) ausente no momento destas experiências.

O teatro é presença, é troca, é afeto. Como despertar algo no outro por meio da presença virtual? Ela existe mesmo? Um momento importante nesse ensino remoto foi, é e será a discussão sobre as diversas (im)possibilidades de criação, cênicas, performativas, lúdicas e artísticas, onde o corpo “digital” se reinventa, se reencontra, se reconecta. Desta forma, estamos lutando por novos espaços e juntos podemos mudar tanto e tantos. Esse reinventar é inerente ao ser humano, porque ele dialoga com o inevitável, ele tem predestinação (talvez não) para recriar sua própria criação, sendo co-autor da vida.

Podemos mergulhar numa poética dos mistérios, podemos crer que esse outro lugar encontra refúgio em si mesmo:

*As (im)possibilidades do teatro  
as im-possibilidades de encontro  
as im-pos-sí-veis manifestações coletivas:  
escolas vazias, carteiras vazias, salas vazias, pátios vazios  
bocas e narizes ocultos pelas ruas e supermercados.  
As máscaras, sim, as máscaras são teatro.  
Quantas máscaras você tem para enfrentar uma câmera?  
“dar a cara à tapa”, colocar-se em frente ao outro  
longe... longe... muito longe!  
Palavra, rosto, escrita, imagem, som  
Arrepios sinceros que fabulam novas histórias.  
As possibilidades do teatro são in-finitas*

*O teatro é o Impossível realizado.*

*Somos tudo juntos...*

*Juntos em palcos, em telas, em casas.*

*Ele vem sem caras,*

*Por que? Quem sabe?*

*Aqui? Lá? Onde?*

*São resquícios de presença.*

A ideia de (im)possível habitou muitos períodos em que nos limitavam e nos podavam em certas ações direcionadas à arte de atuar e outras formas cênicas. É deste lugar reflexivo, que buscamos mover dentro deste pensamento outros pensamentos que fujam dos dogmas, normas e conceitos que não conjugam as problemáticas. Acredito na forma que nos move em tempos difíceis e essas energias nascem quando somos mesmo convocados a mudar, a desejar transformar ao invés de olhar e julgar. Podemos sim! Nós e você juntos somos coletivo de maestria na arte de transformar corpos e conceitos, de nos deparar com os infortúnios e dançar, de deixar que marcas de mudança surjam e se façam presentes no processo, que vai, vem, falha de novo, falha melhor.

Parar

A tragédia era reverenciada porque atingia/afetava o público, porque se via o conflito no coração humano. É no conflito que surge a vontade de reivindicar algo, de debater, de conhecer. É ele que nos tira de certos lugares.

A pandemia nos retirou de nossos patamares, e nos fez/faz enxergar além, de buscar no outro mais que um olhar por uma tela, buscar apoio, refúgio, sorrisos, e amor. Sim, amor. Se não fosse o nosso amor pelo teatro, nós nem estávamos aqui conjugando o verbo, devaneando em outras marés, porque só ele pra remexer nosso caldeirão de escrita, de poéticas e de trocas.



Porém, como encontrar esse refúgio no outro apenas com a visualização de um avatar?

Ao lidar com o improvável é possível conhecer-se novamente. Desfazer-se se transforma então numa poética, no sentido próprio da palavra: criação. Embora limitados por um espaço virtual através do qual os encontros são distintos e os afetos obedecem outras (im)possibilidades, jogamos com o som, o vídeo, o texto (virtual ou escrito), mantendo a escola e o teatro por outras zonas, pelos espaços dos resquícios de presença que ocupamos e descobrimos. Passa a habitar nossa casa e nosso corpo outro atravessamento na mistura entre público e privado, entre vulnerável e produtivo. Passa a habitar também nossa casa a crise, crise de vida, crise de dinheiro, crise afetiva, crise de certezas, crise de si, crise do outro... a ansiedade. Passa a habitar nossa casa também a arte, num esforço de viver-junto, no sentido barthesiano, de co-mover-se [mover-se assustadoramente para si e para o outro como um fantasma] com a realidade assombrosa e com o isolamento dos que se isolaram.

## Contemplar

O ser humano é um ser criativo e em criação, por conta disto sempre damos uma forma de vencer (se não for possível, nos pomos a dançar com) os obstáculos. *Será que no momento pandêmico valeu a pena o sistema continuar com suas hierarquias e propostas sem fundamentos? O que será que vai acontecer quando a pandemia finalmente acabar? Nos tornaremos seres mais sensíveis e empáticos para com o outro? Ou continuaremos na mesmice de sempre? Entraremos na sala de aula juntos e é isso, estaremos presentes?*

A resposta para as (im)possibilidades não existe, ela é construída junto com quem está implicado no que foi/é/será a aula remota, teatro remoto, amor remoto, luto remoto: os sentidos e afetos remotos. Remotamente compreendidos. Parecem controles remotos que mudam de estação, de canal, de frequência. É possível

compor no impossível, assim como pode ser impossível compor nos possíveis, e, por fim, (im)possível compor no (im)possível, mas é preciso lidar com o que está presente, ocupar o que está aqui. Dizer que o teatro não vai é dizer para a molécula não mover, a criança não brincar e o corpo não sentir, é projetar um freio linguístico para um movimento cuja potência escapa nos seus arrepios mais sinceros.

## Referências

BARTHES, R. Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: curso e seminários do Collège de France, 1976-1977. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MORIN, Edgar. Complexidade e ética da solidariedade. In: CASTRO, Gustavo de (coord.). Ensaio de Complexidade. 4 ed.. Porto alegre: Sulina, 2006. p. 11-20.